

PATAXÓ HÃ-HÃ-HÃE

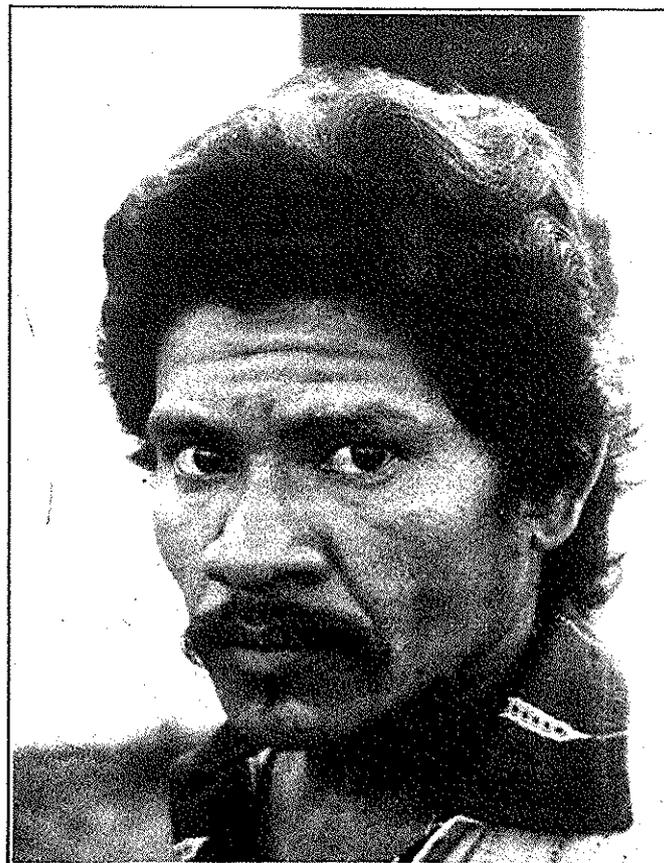
Novas mortes acirram divisão

Alguns dias após a invasão da fazenda São Lucas, na Bahia, por pistoleiros que mataram dois Pataxó e feriram outros três em 16 de novembro, representantes de 28 entidades e organizações civis, populares e índios enviaram telex ao presidente da República, à Procuradoria Geral da República e aos ministros do Interior e da Justiça, solicitando providências. No telex, assinado também por Dom Paulo Lopes de Faria, bispo de Itabuna, e por membros do Cimi que trabalham na região, é solicitado o retorno e permanência da Polícia Federal na área conflituosa, a designação de um funcionário da Funai para chefiar o Posto Indígena Caramuru-Paraguaçu, além da apuração dos crimes



Arquivo/Forantim

Nelson Saracura, que quer acordo com os invasores, é acusado de ajudar pistoleiros



Nailton Muniz lidera o grupo dos Pataxó, que não abre mão dos 36 mil hectares da reserva invadida

Na madrugada do dia 16 de novembro, pistoleiros invadiram a área São Lucas, no município baiano de Pau Brasil, retomada em 1982 pelos Pataxó Hã-Hã-Hãe, e a tiros mataram Jacinto Rodrigues e Joílson Fernandes dos Santos, conhecido como Carrapicho. Outros três ficaram feridos. À frente estavam alguns Pataxó liderados pelo cacique Nelson Saracura. Segundo alguns índios, os pistoleiros usavam armas e uniformes fornecidos pela Polícia Militar, que mantém um posto de vigilância na área indígena.

Nelson Saracura e alguns não índios, casados com Pataxó, acabaram sendo presos pela Polícia Federal de Ilhéus, acusados de terem sido os autores dos tiros que atingiram Jacinto e Joílson.

Em 19 de novembro, eles foram soltos através de um *habeas-corpus* impetrado por Carlos Burgos, advogado dos fazendeiros que ocupam ilegalmente os 36 mil hectares da Reserva Paraguaçu-Caramuru, onde fica a São Lucas. Aos jornalistas, Nelson Saracura acusou, nesse dia, o Cimi e Anai (Associação Nacional de Apoio

ao Índio) da Bahia de estarem incitando os conflitos na área.

NEGOCIANDO

O atentado contra os Pataxó Hã-Hã-Hãe é resultado da presença dos fazendeiros na área indígena, que aumenta ainda mais as divisões internas do grupo. Divergências essas que cresceram nos últimos meses com a recusa da maioria dos índios de abandonar a área em que vivem, em troca de uma outra, que estava sendo negociada por Saracura com os fazendeiros que hoje ocupam seu território tradicional. Em troca, os Pataxó teriam que desistir da ação movida pela Funai em 1982 junto ao Supremo Tribunal Federal para cancelar os títulos de propriedade incidentes nos 36 mil hectares da Reserva Paraguaçu-Caramuru. Esses títulos foram distribuídos a cacauicultores por dois ex-governadores da Bahia: Roberto Santos e Antônio Carlos Magalhães.

Para tentar algum acordo com os fazendeiros, um grupo liderado por Saracura se reuniu no dia 7 de outubro último, em Pau Brasil (BA), com representantes do CNPC (Conselho Nacional dos Produtores do Cacau),

e os fazendeiros Marcus Wanderely e Pedro Leite, que é presidente do Sindicato Rural de Pau Brasil.

Nelson Saracura, na segunda semana do mês de novembro, afirmou ao PORANTIM que eram três as áreas que ele conseguiria: a primeira para o seu grupo, uma segunda para os "brancos" liderados por Nailton Muniz e uma terceira para os índios que não quiserem ir com ele. E justifica essa divisão: "O Carrapicho (morto no dia 16) não é índio, o Moura também não. O Samado é, o Vado Trajano é mestiço e o Nailton também é mestiço, filho de arrendeiro". Mas numa carta enviada à Procuradoria Geral da República, Samado, um dos mais velhos Pataxó Hã-Hã-Hãe, nega que algum deles não seja índio: "os índios das aldeias São Lucas, Panelão e Barretá somos os primeiros donos dessa terra de 36 mil hectares".

Nelson Saracura afirmou ainda que cerca de 350 Pataxó estariam dispostos a sair da área São Lucas "para viver em paz". Mas somente depois que uma outra área fosse acertada. O que o ex-cacique João Cravim nega. Segundo ele, 273 Pataxó querem perma-

necer na São Lucas, e apenas 11 aceitaríamos sair.

O encontro em Pau Brasil, em 7 de outubro, foi resultado de uma reunião que Nelson Saracura manteve em Brasília com Josuelito Britto, representante da Ceplac (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira), onde se falou em negociar a saída dos Pataxó para uma outra área.

Saracura, em uma de suas viagens a Brasília, chegou a ser acusado de tentar interromper o processo que prevê o cancelamento dos títulos de propriedade da Reserva Paraguaçu-Caramuru. Para ele, isso foi coisa "de um engraçadinho. Eu não estava com índios Xavante e do Xingu pra tirar as terras da justiça. Eu vim pra Brasília ver uma solução. Os produtores do Conselho de Cacau estão dispostos a ajudar os índios". E acrescentou: "O presidente da Funai e o ministro do Interior disseram que a melhor condição é fazer um acordo para que os Pataxó tenham melhores condições de vida. Achando outras áreas, tiraria o processo da justiça" (NR: Supremo Tribunal Federal).